

O MATERIAL FUNERÁRIO DAS SEPULTURAS PRÉ-HISTÓRICAS DA TOCA DO ENOQUE (PARQUE NACIONAL SERRA DAS CONFUSÕES, PIAUÍ, BRASIL)¹

Martine Faure
Claude Guérin
Maria de Fátima da Luz

RESUMO

A Toca do Enoque, localizada na Serra das Confusões (SE do Piauí), forneceu um conjunto sepulcral notável, bem conservado, datado entre 7570 e 6660 anos BP, compreendendo dezessete indivíduos, sendo que a maior parte é de crianças jovens, cujos corpos foram inumados sobre um grande bloco gravado. Os restos humanos estão associados a um material funerário abundante e variado, notadamente de um grande número de adornos feitos em matéria dura animal: colares em dentes perfurados de felinos (*Panthera onca*, *Felis concolor*, *Felis pardalis*) e de pequenos canídeos (cerca de 600 caninos de *Cerdocyon thous*), 145 pingentes confeccionados em metatarsos de pequenos cervídeos (*Mazama gouazoubira*), alguns em ulnas de grandes aves, placas de tartaruga e conchas, assim como colares de contas vegetais, de grandes gastrópodes *Megalobulimus* e de grandes blocos de ocre. São encontradas, ainda, peças enigmáticas como incrustações de placas da carapaça de tatu na argila e restos animais não trabalhados (fragmentos de mandíbulas de caititú - *Dicotyles tajacu*, mandíbulas de ouriço - *Coendu prehensilis*, chifres e metatarsos adultos e jovens de veado - *Mazama gouazoubira*). A abundância e a diversidade do material funerário associado à reutilização de um mesmo local para enterramentos múltiplos fazem da Toca do Enoque, um sítio singular, provavelmente o centro da vida social e espiritual dessa população de caçadores-coletores que vivia no Nordeste brasileiro há mais de 6600 anos.

289

PALAVRAS-CHAVE: Pré-história, Nordeste do Brasil, Indústria óssea

ABSTRACT

The Enoque rock-shelter, in the Serra das Confusões (South-Eastern Piauí), yielded a very well preserved complex of burials dating from between 7570 and 6660 years BP and concerning about seventeen peoples, mainly young children, whose corpses were buried upon a very large engraved stone.

The human remains are associated with an abundant and various funerary materials, namely numerous adornments made of hard animal material. The most important are

1. Artigo original publicado pela Revista *Anthropozoologica*, Paris, 2011, 46 (1) p. 27-45. Publications Scientifiques du Muséum national d'Histoire naturelle.

collars, made of perforated teeth (canines and incisors) of various Felids (*Panthera onca*, *Felis concolor*, *Felis pardalis*), and of about 600 canines of the small Canid *Cerdocyon thous*; there are numerous collars of vegetal beards. Another very important kind of adornments are pendants: 145 are made from the metatarsals of the small Cervid *Mazama gouazoubira*, and some other are made from ulnae of large birds, a plate of a turtle and shells of mollusks. Other remains are several samples of enigmatic pieces constituted of armadillo dermic bones incrustated on clay fragments, large Gastropods, frequently colored with ochre, of the genus *Megalobulimus*, and numerous large blocks of ochre. Some unworked animal remains are present, like mandibular fragments of the peccary *Dicotyles tajacu*, mandibles of the neotropical porcupine *Coendu prehensilis*, antlers and adult and juvenile metapodials of *Mazama gouazoubira*. Such a rich, abundant and various funerary materials and the fact that the same place was used at several times for multiple burials make the Toca do Enoque an exceptional site. This site was probably in the center of the social and spiritual life of that group of hunters-collectors who lived in the North-Eastern Brazil more than 6600 years ago.

KEYWORDS: Prehistory, North-Eastern Brazil, Bone industry

INTRODUÇÃO

O abrigo sob rocha Toca do Enoque (Figura 1) está localizado na Serra das Andorinhas, no Parque Nacional Serra das Confusões, sudeste do Piauí (município de Guaribas, 658743 UTMN/8988649 UTMN, 43°55'625" longitude W-9°14'653" latitude S).

Formado numa falésia de arenito, sua abertura está voltada para o sudoeste e mede cerca de 10 metros de altura e 60 metros de comprimento. Na parede do fundo, ao longo de cerca de uma quinzena de metros, grafismos geométricos e representações de jacarés, grandes aves e de tamanduás, entre outras figuras animais, foram pintados em vermelho.

Este sítio foi escavado em 2008-2009 sob a direção de Niède Guidon e Fátima da Luz (GUIDON, N. & LUZ, M. F. 2009). Sob blocos de arenito delimitando fogueiras, um conjunto sepulcral foi descoberto na parte alta do abrigo, a partir de 15 cm da superfície do solo atual. Ele forneceu restos ósseos de dezessete indivíduos associados a um importante mobiliário fúnebre, em particular numerosos elementos de adornos em matéria dura animal (Figura 2). Quatro conjuntos de amostras de carvão associadas aos restos humanos foram datados pelo método do radiocarbono entre 6.660 e 7.570 anos, em anos calibrados BP (Beta 252374 e 257091 a 257093). Uma nova série de datações (Beta 264124) forneceu uma idade entre 9.420 e 9.120 anos em anos calibrados BP. Seria muito interessante poder datar diretamente as pinturas rupestres para confirmar se as figuras animais e/ou as representações geométricas são contemporâneas a essas sepulturas.

É a primeira vez que se descobre um conjunto sepulcral associado a um enxoval fúnebre tão rico no estado do Piauí; nós não conhecemos equivalente entre as sepulturas descobertas até a presente data na área arqueológica do Parque Nacional da Serra da Capivara (notadamente a sepultura da Toca do Paraguaio, que tem mais ou menos a mesma idade), que é seu vizinho, localizado nos municípios de São Raimundo Nonato e de Coronel José Dias (CISNEIROS, 2006).



292

Figura 1: Carta de situação da Toca do Enoque e do Parque Nacional Serra das Confusões, no estado do Piauí, Brasil (Documento FUMDHAM).



Figura 2: Vista geral do conjunto sepulcral do sítio Toca do Enoque, Serra das Confusões, esqueletos 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10 (Foto FUMDHAM).

CONTEXTO ARQUEO-ANTROPOLÓGICO

Esperando as conclusões do estudo antropológico (em curso), a partir das observações efetuadas durante as escavações, tentamos interpretar o material funerário e, mais particularmente os adornos que são nosso objeto de estudo.

Dois indivíduos (n^{os}. 1 e 14) isolados, estavam distantes dos outros, enquanto os outros estavam agrupados em uma mesma fossa. Escavada em um sedimento arenoso, a fossa preparada para receber os corpos n^{os}. 2 a 13 tinha uma profundidade aproximada de 50 cm, sobre 3 m de comprimento e 2 m de largura. Desde as primeiras decapagens observou-se uma coloração mais escura do solo. A fossa foi forrada por uma camada de vegetais com mais ou menos 20 cm de espessura. O conjunto sepulcral foi recoberto por um sedimento misturado de cinzas e carvões, o que provavelmente tenha favorecido a conservação dos esqueletos.

Nesta fossa, os corpos (incompletos ou parciais) são de doze crianças mais ou menos jovens e de três adultos ou subadultos e estavam orientados com a cabeça para sudeste e os pés para noroeste. O DNA destes restos humanos está em curso de estudo, buscando eventuais ligações de parentesco.

293

Deixando de lado os corpos n^{os}. 1 e 14, que se encontram distantes dos outros e não podemos incluir na interpretação cronológica das inumações, pensamos que o sepultamento múltiplo ocorreu em três momentos: primeiramente, foram inumados os indivíduos n^{os}. 8, 11, 12A, 12B, 13A e 13B; posteriormente, foram removidos e amontoados no lado nordeste, provavelmente para dar lugar a um novo enterramento, aquele dos corpos n^{os}. 3, 4, 5, 6, 9 e 10. O esqueleto n^o 8 parece que só foi parcialmente removido, visto que permaneceram *in situ* o crânio e a caixa torácica em conexão. Os corpos foram colocados sobre um grande bloco de arenito gravado, que foi exposto ao serem retirados os esqueletos. Os indivíduos n^{os}. 2 e 7 provavelmente foram enterrados ulteriores, estando a uma profundidade menor, acima da acumulação de ossos constituídos pelos esqueletos n^{os}. 11, 12A, 12B, 13A, 13B e, talvez, os membros do esqueleto n^o 8. O solo atual estava a 15 - 20 cm acima dos esqueletos n^{os}. 2 e 7 e a 40 - 55 cm acima dos n^{os}. 4 a 10.

Os indivíduos são jovens (n^{os}. 2, 4, 5, 7, 12), e crianças (n^{os}. 6, 9, 10), completos ou incompletos e em conexão anatômica. Todos os crânios foram fragmentados no local e pintados com ocre. Alguns (sobretudo os esqueletos n^{os}. 4 e 7) foram remontados por S. Silva de Santana e parecem apresentar uma deformação craniana com compressão ao nível da sutura fronto-parietal, assim como ao nível do occipital. De modo geral, as deformações cranianas intencionais são bem conhecidas em numerosas civilizações desde a Pré-história

até nossos dias, seja nas Américas ou no Velho Mundo. No Brasil, conhecemos exemplos de deformações cranianas entre populações indígenas, principalmente da Amazônia. A. Porro (2002) publicou a esse respeito gravuras datadas do século XVIII e fotos feitas pela expedição de Carlos Chagas em 1912. Ele indica que tais práticas se observariam ainda em 1958.

No Enoque, sobre o crânio de uma criança jovem do esqueleto nº 2, observamos traços feitos, provavelmente com uma lâmina, ao nível do frontal direito e da sutura fronto-parietal (Figura 3).

O material funerário compreende ainda, alguns artefatos líticos, lascas de rochas silicosas (sílex e radiolarita), e de quartzo hialino, núcleos e percutores; restos osteológicos e dentários não trabalhados de vertebrados, grandes gastrópodes terrestres, incrustações em argila de pequenas placas da carapaça de tatu, penas, macro-restos vegetais (grãos, fragmentos de madeira e de casca), quarenta e cinco blocos mais ou menos volumosos de ocre vermelho, apresentando traços de raspagem (como D'Errico & Dubreuil, 2005, os têm representado no sítio Santa Elina, no Mato Grosso), alguns colocados sobre os crânios (esqueletos nºs. 6 e 10). O maior bloco (nº 165 957), associado ao esqueleto 11, pesa mais de um quilo. Bom número de ossos, conchas e elementos de adorno foram pintados com ocre (CAVALCANTE *et al.* 2011). O ocre em pó é abundante; apesar de ser um sítio de idade diferente, esta abundância de ocre associada aos enterramentos de jovens e crianças nos faz pensar no sítio Pedra do Alexandre (Carnaúba dos Dantas, na região do Seridó, Rio Grande do Norte) (MARTIN, 1994, 2008).

294



Figura 3: Crânio nº 161 800 de uma criança jovem (esqueleto nº 2) portando traços no lado direito, provavelmente devido a uma lâmina.

Restos de uma espécie de rede com grossas fibras vegetais trançadas podem ter servido de mortalha, estavam bem conservados (em particular no nível dos corpos n^{os}. 6 e 10) e nos lembra as fibras vegetais comparáveis às encontradas no sítio funerário de Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco (LIMA, 1985; MARTIN, 2008, pp. 224, figura 60), sítio também notável pela conservação dos restos orgânicos, contudo muito mais recente (cerca de 2.000 anos).

Na Toca do Enoque, a conservação do conjunto é perfeitamente excepcional, permitindo até a preservação da matéria orgânica e de cabelos ainda visíveis sobre alguns crânios. Nota-se a ausência total de cerâmica.

O MATERIAL FUNERÁRIO ASSOCIADO AOS ESQUELETOS

Os esqueletos foram numerados na ordem da progressão dos trabalhos de escavação. A tabela 1 (ver anexo) dá, esqueleto por esqueleto, o inventário do material funerário associado.

- Esqueleto n^o 1 (n^o 162 827): esse esqueleto juvenil incompleto e em conexão, estava distante do resto do conjunto sepulcral, a cerca de 2 m ao sudeste.
- Esqueleto n^o 2 (n^o 161 800): incompleto de uma criança jovem.
- Esqueleto n^o 3A (n^o 165 917): incompleto adulto.
- Esqueleto n^o 3B (n^o 165 878): uma criança representada somente por um rádio e um cúbito. Os dois ossos poderiam corresponder a um dos esqueletos revolvidos e incompletos n^o 12A, 12B ou 13B.
- Esqueleto n^o 4 (n^o 161 837): incompleto e em conexão, é uma criança.
- Entre os esqueletos 4 e 5: placas da carapaça de pequenos *Dasypodidae* incrustadas na argila (n^o 161 826).
- Esqueleto n^o 5 (n^o 161 844): incompleto e em conexão, de uma criança.
- Esqueleto n^o 6 (n^o 166 000): incompleto, de uma criança muito jovem
- Esqueleto n^o 7 (n^o 165 989): incompleto e em conexão, de uma criança jovem.
- Esqueleto n^o 8 (n^o 161 846): adulto ou subadulto, incompleto, o crânio e a caixa torácica estavam em conexão, os membros não foram encontrados, devido terem sido remexidos, posteriormente para dar lugar ao corpo n^o 9, enterrado sobre o local de seus membros inferiores. Fibras vegetais trançadas estavam bem conservadas e fazem pensar que se trata de uma rede que tenha servido de mortalha, porque as costelas estavam nitidamente comprimidas contra a coluna vertebral. Nenhum adorno está associado a esse esqueleto.
- Esqueleto n^o 9 (n^o 166 191): é uma criança de baixa idade, os ossos estavam muito alterados, mais em conexão. Sua tíbia direita é patológica. À direita do crânio foi

encontrado um pedaço de argila com incrustações de pequenas placas da carapaça de tatu (n° 166 187).

- Esqueleto n° 10 (n° 161 886): em conexão, trata-se de uma criança muito jovem.
- Entre os esqueletos 6 e 10, estava uma meia mandíbula fragmentada de ouriço (n°161 876) e um chifre de *Mazama* (n°161 877).
- Entre os esqueletos 8 e 10, encontrava-se, igualmente, um fragmento de uma mandíbula direita de ouriço (n° 165 999).
- Esqueleto n° 11 (n°165 990): foi removido, adulto.
- Esqueletos n°s. 12A (n° 166 134) e 12B (n° 165 990 e 166 134): foram perturbados e estavam incompletos, de duas crianças, a segunda criança é atestada por um terceiro fêmur juvenil isolado.
- Esqueletos n° 13A (n° 166 135) (adulto) e 13B (juvenil) (n° 166 135): foram perturbados.
- Um décimo-quarto esqueleto (n° 160 597), isolado e distante da fossa coletiva, é adulto, incompleto (sem crânio, nem mandíbula) e parece, tal como o n° 1, não ter ligação com os outros; como o esqueleto n° 1 estava modestamente ornado.

296

Ao longo do tempo, de acordo com as culturas, as populações de caçadores-coletores exploravam seu ambiente animal para a confecção de adornos, expressando muita criatividade.

No Brasil, os materiais, os mais variados foram coletados e transformados: conchas de molusco, penas, ossos e garras de aves, vértebras de peixes, dentes de jacarés, placas de tartarugas, costelas de serpentes, caninos e incisivos de carnívoros, queixadas e macacos, incisivos de grandes roedores (como por exemplo, de capivara), falanges ungueais de tatus e ossos de cervídeos, etc.

Na Toca do Enoque, conchas de gastrópodes e de lamelibrânquios, ossos de aves, placas de tartarugas e tatus foram utilizadas, entretanto as matérias duras animais mais empregadas são, incontestavelmente os ossos de cervídeos e os dentes de carnívoros.

OS PINGENTES EM OSSO DE CERVÍDEOS

Os esqueletos 2, 3, 4 e 9 exibiam numerosos pingentes alongados em osso de *Mazama*. Há um total de 145 pingentes, dos quais, uma quinzena fragmentada e incompleta.

Os *Mazama* são pequenos cervídeos com chifres simples com uma só ponta. *M. gouazoubira*, é a menor das duas espécies presentes na região, pesa de 11 a 25 kg e seu habitat é muito variado (GUÉRIN & FAURE, 2009).

Os pingentes foram feitos em sua maior parte com metatarsos de *Mazama gouazoubira* e/ou *americana* (Figura 4); somente três não têm perfeitamente as mesmas características morfológicas e poderiam ter sido elaborados em outro tipo de osso longo. O metatarso de pequenos ruminantes se presta, perfeitamente à realização de tais objetos; eles foram cortados longitudinalmente no seu plano sagital utilizando-se de seus dois sulcos anterior e posterior, cada metade produz um pingente. A forma natural do metatarso dá ao pingente uma secção transversal convexa. Sobre vários espécimes pode-se observar que a parte interna de um ou do outro os dois sulcos longitudinais do metatarso, está preservada. Cada metade do metatarso foi transformada em pingente por simples polimento das partes proximais e, em menor grau, as distais foram também arredondadas (se observa os traços de abrasão sobre os dois bordos), e uma perfuração foi feita do lado proximal para pendurar o pingente (Figura 5).

No colar n° 165 856, três pingentes são diferentes porque foram elaborados, a partir da face posterior do metatarso; o sulco posterior, que guiou a perfuração é muito visível e serve de ornamentação.

A perfuração em forma de botoeira, chanfrada para baixo, está situada mais ou menos no centro da parte proximal da epífise, às vezes, um pouco deslocada. Traços da ferramenta utilizada na fabricação são visíveis sobre o seu contorno. As perfurações foram realizadas da face externa para face interna. No conjunto n° 161 798, um exemplar apresenta uma perfuração dupla: a perfuração inicial está quebrada (ela estava provavelmente muito próxima do bordo), outra foi realizada, logo abaixo (Figura 5).

297



Figura 4: Pingentes n° 166 185 em osso metatarso de *Mazama* (associado ao esqueleto 9). A e B: 2 pingentes realizados na metade lateral de um metatarso, vistas de face e posterior; C: pingente realizado na metade anterior de um metatarso, vista de face.



Figura 5: Detalhe de dois pingentes em osso de *Mazama*. A: n° 161 798 (associado ao esqueleto 2) com duas perfurações sucessivas; B: n° 161 812-2 (associado ao esqueleto 4) com uma perfuração simples com traços do utensílio utilizado, visível sobre o entorno.

298

Todos os pingentes têm mais ou menos as mesmas dimensões, definidas pelo tamanho do osso original. O comprimento total X a largura no nível da perfuração variam de 70,5 X 13,5 mm e 76 X 8 mm até 127 X 14 mm (o comprimento médio para 120 exemplares é de 92 mm e a largura média para 122 espécies, 12,2 mm). Em um trabalho anterior, estabelecemos que para 48 indivíduos, os metatarsos de *Mazama gouazoubira* tinham um comprimento médio de 152 mm com um máximo de 167 mm e, para 18 exemplares de *Mazama americana*, uma média de 157,3 mm com um máximo de 170 mm (GUÉRIN & FAURE, 2009). Os pingentes do Enoque puderam, pois, ser fabricados com metatarsos de uma ou outra espécie, que coexistiram na época, mais os metatarsos não trabalhados presentes nos sepultamentos pertence a *M. gouazoubira*. É interessante notar que entre estes os metacarpos são muito mais numerosos (13 metacarpos por dois metatarsos).

Para fabricar 145 pingentes foram necessários, pelo menos, 73 indivíduos na hipótese de que todos os metatarsos poderiam ser cortados com sucesso em duas metades utilizáveis.

Foi feita uma réplica experimental desses pingentes por Leandro Santos Paes Landim e Iderlan de Souza a partir de um metatarso de *Mazama gouazoubira* atual (Figura 6). Uma vez o metatarso fendido em dois por corte longitudinal, uma metade foi alisada sobre um suporte abrasivo para arredondar as duas extremidades e uma perfuração foi realizada na parte proximal com uma lasca pontiaguda (Figura 7). Depois da separação em duas metades, para concluir o acabamento foram necessários 70 minutos. Para artesãos treinados, a fabricação desses objetos deveria levar muito menos tempo.

A técnica de lascamento de metatarsos de cervídeos utilizada no Enoque é conhecida em outros contextos culturais, como por exemplo, para a fabricação de espátulas na

Fase Paranaíba (Tradição Itaparica) entre 8.000 e 6.000 BP, em Goiás e em Minas Gerais (SCHMITZ 1987; 2004, figura 8; SCHMITZ ET AL. 1989: 181-187, figura 67).

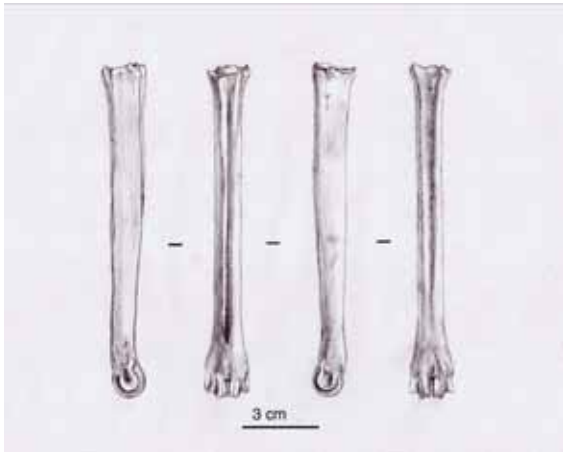


Figura 6: Metatarso de um *Mazama gouazoubira* atual, vista sobre suas quatro faces (desenhos de Ariclênes da Costa Santos).



Figura 7: Metatarso de um *Mazama gouazoubira* atual cortado longitudinalmente e réplica experimental de um pingente.

299

Esse tratamento dos metatarsos de pequenos ruminantes (cabrito montês, gazela, cabra e carneiro) por ranhura longitudinal é bem conhecido, aliás, em um bom número de culturas neolíticas, onde ele foi utilizado para a fabricação de punções, quer seja na Europa (CAMPS-FABRER & D'ANNA, 1977, MURRAY, 1979, CAMPS-FABRER, 1990) ou no Próximo-Oriente (STORDEUR-YEDID, 1976), mais ele não é mencionado pela Comissão de nomenclatura sobre indústria de osso pré-histórico (UISPP), em suas fichas tipológicas dos objetos de adornos pré-históricos estabelecidas na Europa (BARGE-MAHIEU *et alii*, 1991).

Pingentes muito semelhantes aos da Toca do Enoque, mais em número muito mais limitado foram observados no mobiliário fúnebre de sítios arqueológicos do Nordeste: três na Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas (Rio Grande do Norte), sepultura datada entre 4.700 e 4.000 anos BP; (MARTIN, 1995-1996: 54, figura 10; MARTIN, 2008: 223, figura 59c e p. 403 lâm. 3a; NOGUEIRA, 2001: 135, figura 60), três outros pingentes no Sítio Pedra do Tubarão, em Venturosa, Pernambuco (LUFT, 1990, lâm. 19 e 22; MARTIN, 2008: 404, lâm. 4a). Sobre essas figuras reconhecemos, sem hesitação, o tipo de pingente feito em metatarsos de cervídeos que se encontra em grande número na Toca do Enoque. Não se tratam de pingentes feitos em tíbia de cervídeos como menciona V. J. Luft (1990, lâm. 22). Esse material está associado a outros restos bastante similares aos que temos no Enoque, principalmente um chifre de *Mazama* e pequenas contas vegetais que o autor (*ibid.* lâm. 21) atribui a sementes de juazeiro. Outros elementos de adornos foram

realizados em materiais diferentes, sobretudo em pedra (lítico), o que não existe na Toca do Enoque. J. M. Dias de Lima (1985, lâm. 13; 1991, figura 5) assinalou igualmente esse tipo de pingente no sítio funerário de Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus (PE), datado de 2.000 anos, associado a caninos perfurados de felinos e a elementos de adornos feitos a partir de ulnas de aves.

Pingentes elaborados em metade de metatarsos de *Mazama* são conhecidos igualmente, em algumas sepulturas do Sítio Justino em Canindé do São Francisco, em Sergipe. É um sítio funerário pré-histórico muito importante, escavado durante a construção da barragem hidrelétrica de Xingó, na base do vale do rio São Francisco, agrupado em quatro cemitérios, nos quais a utilização se estende de 8.950 ± 70 a 1.280 ± 45 anos BP (VERGNE 2005; CARVALHO, O., 2007, p. 43). O Museu de Arqueologia de Xingó apresenta 16 pingentes provenientes do sepultamento nº 118, datado de 2.650 ± 160 anos BP. Esses exemplares diferem dos do Enoque essencialmente por seu tamanho grande (comprimento compreende entre 111,5 e 137,5 mm, comprimento médio 124,8 mm, mais largo do lado da perfuração 13,7 a 17 mm, largura média 15 mm) e a forma mais pontuda da extremidade oposta à perfuração (CARVALHO, F., 2003, figura 22).

300 Os COLARES FEITOS EM DENTES DE CARNÍVOROS

Os esqueletos portavam colares fabricados com numerosos dentes perfurados, associados às pequenas contas vegetais negras e algumas conchas perfuradas. Todos os dentes utilizados são dentes anteriores de Carnívoros, essencialmente caninos e alguns raros incisivos. Apesar da abundância de restos ósseos de *Mazama* explorados para adorno, nenhum dente de cervídeo foi empregado.

Os Dentes perfurados de felinos

Os dentes perfurados de felídeos são muito mais raros que os dos canídeos. Na região existem vários felinos de tamanho variado: além das espécies de tamanho pequeno, encontra-se a jaguatirica, *Felis pardalis*, um felino de tamanho médio pesando 11 a 16 kg, é ainda uma espécie particularmente ubiquista. Na mesma região se encontra outro felino de tamanho médio, o gato vermelho, *Felis yagouaroundi*, mais ele é menor que a jaguatirica (seu peso médio é 3 a 9 kg) e seus dentes são muito pequenos.

Há ainda dois grandes felinos, a onça-vermelha, *Felis concolor*, grande carnívoro, com peso médio de 25 a 70 kg que vive em todos os tipos de biótopo, e a onça-pintada, *Panthera onca*, que é o maior mamífero predador terrestre atual da América do Sul, sua massa média é de 120 kg, seu habitat é, sobretudo, a floresta.

Entre os numerosos adornos descritos acima, o colar mais excepcional (Figura 8) é aquele que está associado ao esqueleto 6, porque é o único composto de caninos de onça-pintada (n° 161 847). É composto de sete caninos perfurados de grandes felinos: cinco de onça-pintada (*Panthera onca*), dos quais um canino completo (L = 65 mm, cujo 29 mm para a coroa; DT x DAP ao colo = 13 x 16 mm), os quatro mais usados correspondem a três indivíduos velhos; os dentes de onça-vermelha estão associados a dois caninos de tamanho pequeno (L = cerca de 56 mm, do qual 24,5 mm para coroa; DT par DAP ao colo 9,5 x 12,5 mm) que atribuímos à onça-vermelha (*Felis concolor*), eles estão igualmente associados a seis outros caninos ainda menores (L = 36,5 mm, do qual 17,5 mm para coroa; DT x DAP ao colo = 6 x 8,5 mm), que pertencem provavelmente à jaguatirica (*Felis pardalis*). Todos esses dentes portam uma perfuração de diâmetro variável e a raiz é afinada lateralmente; um dos caninos de onça-vermelha apresenta uma dupla perfuração, uma quebrada e uma de substituição imediatamente seguindo o eixo do dente.

Evidentemente, os homens que viveram há cerca de 7.000 anos na Serra das Confusões deveriam atribuir um grande valor a esses caninos de grandes felinos muito temidos.

Num contexto muito mais antigo, Y. Taborin (2004) ressaltou o “*manque d'intérêt*”² dos homens do Paleolítico superior da Europa pelos caninos de carnívoros, entre outros, felinos. Esta expressão nos parece pouco apropriada porque os caçadores-coletores não poderiam ficar indiferentes diante desses poderosos predadores; se, de modo geral, os caninos de pequenos canídeos são comumente muito mais utilizados nos adornos, é porque eles são essencialmente muito mais numerosos no biótopo e faziam parte da vida cotidiana dos caçadores.

301



Figura 8: Colar n° 161 847 (associado ao esqueleto 6): um canino de onça-pintada, dois de onça-vermelha e três de jaguatirica.

2. Pouco interesse.



Figura 9: Colar n° 161 887 (associado ao esqueleto 10) em dentes perfurados de *Cerdocyon thous* (raposa).

Os Dentes perfurados de canídeos

302

O essencial dos colares é constituído de caninos perfurados do pequeno canídeo *Cerdocyon thous* (Figura 9). Trata-se de uma pequena raposa ubiquista, pesando de 4,5 a 9 kg. Para ela é que atribuímos os caninos de canídeos da Toca do Enoque, em vez do *Dusicyon vetulus*, presente igualmente na região, mas muito menor.

Os caninos são superiores e inferiores (esses últimos mais curvos e relativamente um pouco mais largos no colo), decíduos e definitivos. Os caninos menores de *Cerdocyon* (alguns são de leite) medem somente 13,5 mm de comprimento total (coroa e raiz), sendo 6 mm para coroa e DT x DAP no colo é 2,2 mm por 3,3 mm. Os maiores caninos medem 25 mm de comprimento, sendo 9,2 mm para a coroa, seus diâmetros respectivos no colo são 3,3 mm e 5 mm. Ao nível da perfuração, a largura da raiz dos caninos menores (provavelmente de leite) é de 3 mm, o que implica um trabalho de perfuração muito minucioso e mostra a destreza dos artesãos.

O adorno n° 161 827, associado ao esqueleto 4, é composto do maior número de caninos de *C. thous*, conta com mais de 160, sem levar em conta, numerosos fragmentos pequenos.

De maneira geral, para os dentes quebrados, só levamos em consideração os fragmentos maiores com presença de perfuração ou da totalidade da coroa. O total dos caninos perfurados completos ou incompletos de canídeos da sepultura da Toca do Enoque é cerca de 600. Considerando-se que há quatro caninos por animal, isso representa a captura de mais de 150 indivíduos.

Em numerosas culturas de caçadores-coletores no mundo, os caninos de pequenos canídeos foram perfurados e empregados em grande número de adornos, seja na América ou no Velho Mundo. Na Eurásia, caninos de *Vulpes vulpes* e *Alopex lagopus* foram também utilizados de maneira similar, desde o início do Paleolítico superior (TABORIN, 1977; BARGE-MAHIEU *et alii*, 1991; VERCOUTÈRE, 2002).

Sobre todos os dentes de carnívoros, a perfuração é mais ou menos próxima à ponta da raiz. Em alguns, ao lado da perfuração, se observa o preparo de uma perfuração falhada, situada ao nível da ponta quebrada. A raiz é sempre afinada lateralmente por raspagem, nesse caso estrias nítidas e paralelas são visíveis no seu eixo à lupa binocular. A perfuração tem a forma de duplo funil, mais larga na parte oposta à ponta da raiz, onde se vê nitidamente os traços da ferramenta utilizada. O alargamento é mais ou menos nítido e pode mesmo tornar-se um pequeno sulco.

Contrariamente a alguns caninos perfurados de grandes carnívoros (*Panthera spelaea*, *Ursus spelaeus* e *Canis lupus*) do Paleolítico superior europeu, que puderam ser mais ou menos decorados, na Toca do Enoque nenhum dente perfurado apresenta incisões.

OS PINGENTES EM OSSO DE AVES, EM PLACAS DE TARTARUGAS E EM CONCHAS

303

Sobre o esqueleto 6, na altura da cintura, foram encontrados seis elementos de adornos tubulares cortados, de diáfises de ulnas de grande ave (nº 166 196) (Figura10). Cinco estão completos e um fragmentado, faltando a parte do lado das perfurações.

Os tubos tem um comprimento que compreende entre 95 mm e 103 mm por um diâmetro de 8 mm à 8,5 mm do lado das perfurações, e 10 mm à 10,5 mm de outro lado. A espessura da parede do tubo é da ordem de 1 mm. Eles mostram uma linha longitudinal de marcas da inserção de 7 a 9 penas. Os tubos foram raspados sobre a maior parte de seu contorno. Sobre um dos espécimes veem-se, nitidamente, os traços de corte da diáfise, do lado oposto da suspensão.

A suspensão é assegurada por duas perfurações ovais diametralmente opostas, situadas em uma das extremidades do tubo. Essas perfurações medem cerca de 2 mm de largura por 4 mm de comprimento.



Figura 10: Pingentes tubulares n° 166 196 (associado ao esqueleto 6) feitos em ulnas de aves.

Nota-se que na Pedra do Tubarão (PE), V. J. Luft (1990, lâm. 18-23) assinala e reproduz elementos de colar em úmero de ave, assim como um pingente realizado em um esterno.

304

Um pingente em placa de tartaruga bastante grande (n° 166 185), raspada sobre sua face externa, está associado ao adorno do esqueleto n° 9. Ele mede 54 mm x 29 mm, a perfuração se situa ao meio de sua extremidade menor (Figura 11).

Vimos que os grandes gastrópodes do gênero *Megalobulimus* são abundantes no conjunto sepulcral do Enoque, mais os pingentes em conchas são muito mais raros que aqueles confeccionados com restos de vertebrados. Dois fragmentos de conchas (n° 162 799) apresentando perfurações, das quais uma dupla quebrada, estão associados ao esqueleto 1 (Figura 11). Dois fragmentos de conchas (provavelmente *Megalobulimus*) foram confeccionados em pingentes. O n° 161 783 tem uma forma oval, mede 52 x 33 mm e apresenta uma perfuração. O n° 161 798-1 mede 54 x 39 mm, e apresenta uma perfuração dupla.

Numerosos *Megalobulimus* estão quebrados e os fragmentos mostram, às vezes, perfurações que nos parecem naturais, levando em consideração sua morfologia e sua localização, pouco funcional para uma eventual suspensão. Como lembram F. D'Errico, P. Jardón-Giner & B. Soler-Mayor (1993), a propósito das conchas marinhas, às vezes os gastrópodes terrestres são naturalmente fraturados ou perfurados por predadores e essas perfurações podem ser confundidas com ações humanas.

Dois pingentes foram feitos com conchas de lamelibrânquio: um é uma valva direita,

inteira (n° 166 113) medindo 41 x 59 mm, apresentando do lado da charneira uma dupla perfuração realizada sobre a face externa (Figura 11). O outro é uma concha esquerda (n° 161 798-2) que mede 33 x 45 mm.



Figura 11: Pingentes feitos em valva de lamelibrânquios n° 166 113 (associados ao esqueleto 12); em um fragmento de gastrópode n° 161 798 (associado ao esqueleto 2) e em placa de tartaruga n° 166 185 (associado ao esqueleto 9).

305

Como os dentes de vertebrados, as conchas (a maior parte marinhas e, às vezes, fósseis) são também, universalmente utilizadas nos adornos desde o *Middle Stone Age* na África (cf. gastrópodes do gênero *Nassarius* perfurados da gruta de Blombos, na África do Sul) e desde o início do Paleolítico Superior na Eurásia (TABORIN, 1993a & b). Na Serra das Confusões, temos uma interessante utilização de conchas continentais.

INCRUSTAÇÕES DE PLACAS DE TATU

As incrustações de placas de tatu em argila (Figura 12) se encontram entre os esqueletos 4 e 5 e associados aos esqueletos 3 e 9. Pode-se reconhecer a forma natural de pequenas placas, algumas sub-retangulares, outras mais ou menos hexagonais alongadas, com cerca de 1 cm de comprimento sobre 0,5 cm de largura, apresentando alguns orifícios pilíferos. Elas estão dispostas sobre sua face interna, justapostas e alinhadas, sobre um suporte argiloso levemente convexo. Estas incrustações são enigmáticas e sua fragmentação não permite interpretação.



Figura 12: Incrustações de pequenas placas de tatu na argila, nº 161 826 (entre os esqueletos 4 e 5) e 165 803 (associado ao esqueleto 3).

Existem três espécies de *Dasypodidae* de pequeno tamanho na região: *Dasypus novemcinctus*, o tatu verdadeiro, com nove cintas de placas móveis; *Euphractus sexcinctus*, o tatu peba, com seis cintas de placas móveis; e *Tolypeutes tricinctus*, o tatu bola, com três cintas de placas móveis. Para um mesmo indivíduo, as formas, as dimensões e as ornamentações das placas variam segundo sua localização (escudos cefálico, torácico ou pelviano, placas móveis das cinturas e tubo caudal). A determinação de (ou das) espécie(s) utilizada(s) se torna difícil pelo fato da fragmentação dos elementos. Não se trata de *Tolypeutes*, cujas placas são mais espessas, muito granulosas, muito mais longas sobre as cinturas, e relativamente bem mais largas sobre os escudos. Entre os *Dasypus* somente as placas alongadas do tubo caudal seriam compatíveis. Em compensação, as proporções e o que é ainda visível da ornamentação das placas, são mais próximas àquelas do *Euphractus*.

306

RESTOS ANIMAIS NÃO TRABALHADOS

Fora os objetos de adornos, restos animais não trabalhados estão associados aos esqueletos humanos, são verdadeiramente restos de rituais funerários (oferendas, sacrifícios ou restos de uma refeição funerária):

- Dez chifres de animais caçados (um deles tem uma ponta acessória, o que é raro) e quinze ossos metatarsos adultos e jovens de *Mazama gouazoubira* (Figura 13).
- Quatro sínfises mandibulares de caititú (*Dicotyles tajacu*), quebradas mais ou menos por trás do diastema, separando os caninos dos pré-molares (Figura 14).
- Cinco meias mandíbulas de ouriço, *Coendu prehensilis* é um grande roedor da família dos *Erethizontidae* (os porcos-espinhos americanos, que só tem semelhança longínqua e superficial com os do Velho Mundo); é arborícola e pode atingir 6 kg, seu *habitat* é

florestal. As mandíbulas do ouriço são muito frágeis e muito fragmentadas, pode-se, entretanto, observar traços de corte sobre o exemplar n° 161 876 (Figura 15).

- Gastrópodes terrestres do gênero *Megalobulimus* são numerosos e sempre pintados com ocre. Um belo exemplar (Figura 16) mede 113 mm de altura, o diâmetro transversal de sua última volta é de 64 mm, seu ângulo apical é um pouco superior à 50°. Sem contar os numerosos fragmentos, ao menos 26 conchas completas ou incompletas estão associadas aos esqueletos humanos. Cinco grandes conchas de *Megalobulimus* pintadas estão nitidamente dispostas no entorno do esqueleto de uma criança jovem (n° 6).

Os *Megalobulimus* são conhecidos em outros sítios funerários do Nordeste como na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus (PE) (LIMA 1985, 1992; MARTIN, 2008, p. 312, figura 102). Todas as espécies conhecidas no estado fóssil (GUERIN & FAURE, 2008) fazem parte ainda da fauna atual da região (ARAÚJO *et al.*, 1998).



Figura 13: Metatarso juvenil n° 165 977 (associado ao esqueleto 6) e chifre bífido n° 165 821 (associado ao esqueleto 3) de *Mazama gouazoubira*.



Figura 14: Sínfise mandibular de pécarí *Dicotyles tajacu* n° 165 979 (associado ao esqueleto 6).



Figura 15: Mandíbula de *Coendu prehensilis* n° 161 876 (entre os esqueletos 6 e 10) mostrando vestígios de corte.



Figura 16: *Megalobulimus* sp. n° 161 786 (associado ao esqueleto 2).

308

CONCLUSÃO

Há cerca de 7.000 anos, vivia na Serra das Confusões uma população de caçadores-coletores que exploravam recursos naturais extremamente diversificados, praticando uma caça seletiva de cervídeos *Mazama* e de pequenos canídeos. Esses animais deveriam ser muito numerosos e forneciam uma grande quantidade de matéria-prima. Paradoxalmente, no estado atual de nosso conhecimento, nenhum outro sítio (de habitação temporária ou de caça) da região testemunha tal atividade. A pesquisa arqueológica está apenas começando no Parque Nacional Serra das Confusões, mas sabe-se que a rocha arenítica não permite a conservação dos restos ósseos porque o Ph é ácido (como também é o caso do Parque Nacional Serra da Capivara). A conservação excepcional dos restos orgânicos da Toca do Enoque está, sem dúvida, ligada à presença da espessa camada de cinzas que recobria esse conjunto funerário e contribuiu, provavelmente, para sua conservação.

Esse sítio forneceu uma indústria óssea abundante, porém com uma técnica de confecção relativamente simples (os adornos não são decorados). A judiciosa exploração dos metatarsos de cervídeos permitia uma economia da matéria-prima e um trabalho de elaboração minimalista, para produção de objetos uniformes. Esse tipo de pingente muito original é conhecido em outros sítios do Nordeste brasileiro, onde perdurou durante vários milênios. Entre todos os elementos de adorno da Toca do Enoque, ele nos parece o mais característico de uma área cultural.

Geralmente, do sul do Piauí, a Pernambuco, até o Rio Grande do Norte e Sergipe, semelhanças no material funerário de vários conjuntos sepulcrais testemunham uma difusão cultural, num mesmo território de contato, de influências, de abastecimento e de trocas, correspondendo à área de difusão da Tradição Nordeste definida para arte rupestre (GUIDON 1991; MARTIN & ASÓN 2000, p. 119, figura 1; MARTIN, 2008, figura 68).

As sepulturas da Toca do Enoque são excepcionais pelo número de crianças enterradas, pela variedade e pela quantidade do material funerário associado aos sepultamentos e pela qualidade da conservação dos restos orgânicos.

Como resultado de um bom número de autores, S. D. DeFrance (2009) lembrou a importância de restos animais sacrificados para a compreensão de certos aspectos, notadamente simbólicos ou religiosos das sociedades do passado. Os elementos de adornos que cobrem todo o tórax de crianças jovens necessitariam, entre outros, do abate de 73 cervídeos e mais de 150 canídeos, isso é considerável para uma população de caçadores-coletores, mesmo se a caça não fosse rara. Ornados de toda a riqueza do grupo, os mortos da Toca do Enoque testemunham, pois, acontecimentos excepcionais. Os traços observados sobre o crânio do esqueleto da criança nº 2 nos faz propor a hipótese de um ato de sacrifício. Se o estudo antropológico verificar tal ato, a abundância e a variedade dos adornos poderiam ser o reflexo de uma veneração manifestada com fervor e ostentação, em um lugar carregado de um grande simbolismo espiritual. O grande bloco, inamovível, gravado com grafismos geométricos encontrados na base da fossa sepulcral, a repetição e a superposição e/ou justaposição dos enterramentos múltiplos sobre um mesmo local, quando o espaço não falta na Serra das Confusões, são todos elementos que podem apoiar esta ideia. Só podemos nos interrogar sobre o contexto religioso de tal ritual e o *status* social das pessoas sacrificadas e/ou enterradas.

309

AGRADECIMENTOS

Nós expressamos nosso reconhecimento a Niède Guidon, que supervisionou os trabalhos de escavação da Toca do Enoque, um dos dois primeiros sítios arqueológicos escavados na Serra das Confusões e agradecemos por nos ter confiado o estudo dos adornos em matérias duras animais.

Agradecemos igualmente a Anne-Marie Pessis, Rosa Trakalo e Elisabete Bucu, da Fundação Museu do Homem Americano, que facilitaram nosso trabalho e nossa estada em São Raimundo Nonato. Nós agradecemos também à equipe de escavação do sítio Toca do Enoque, os técnicos do Centro Cultural Sérgio Motta, em particular Simone Silva de

Santana, Iderlan de Souza, Niède da Silva Dias, Arlene de França e Leandro Santos Paes por sua ajuda.

Nós agradecemos, do mesmo modo, a Gabriela Martin que nos possibilitou visitar o sítio Pedra do Alexandre (Seridó, Rio Grande do Norte), assim como a Cleonice de Souza Vergne, que nos acolheu durante a visita aos sítios de Xingó em 1993, e a Albérico Nogueira de Queiroz e Olívia Alexandre de Carvalho, em 2010.

Os desenhos são de Ariclènes da Costa Santos.

Nossa missão de estudo em São Raimundo Nonato foi financiada pelo CNPq e FUMDHAM.

Martine Faure

*Université Lumière - Lyon 2, 5 avenue Pierre Mendès-France, 69676 Bron cédex, França;
UMR-CNRS 5276 “ Laboratoire de Géologie de Lyon: Terre, Planètes, Environnement ”
Université Claude Bernard - Lyon 1 / ENS Lyon,
27-43 boulevard du 11 novembre, 69622 Villeurbanne cédex, França;
Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semi-Árido (INCT/CNPq),
Fundação Museu do Homem Americano, (FUMDHAM), PI - Brasil.
martine.faure@mom.fr*

310

Claude Guérin

*UMR-CNRS 5276 “Laboratoire de Géologie de Lyon: Terre, Planètes, Environnement ”
Université Claude Bernard - Lyon 1 / ENS Lyon,
27-43 boulevard du 11 novembre, 69622 Villeurbanne cédex, França;
Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semi-Árido (INCT/CNPq),
Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), PI - Brasil
claude.guerin@univ-lyon1.fr*

Maria de Fátima da Luz

*Doutoranda em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife;
Fundação Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.
mafatimaluz@hotmail.com*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. J. G. de *et al.* 1998. *Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. 94 p. São Raimundo Nonato (Piauí): Fumdam.

BARGE-MAHIEU, H. *et al.* 1991. *Objets de parure*. Aix-en-Provence: Université de Provence. 452 p. (Fiches typologiques de l'industrie osseuse préhistorique – Cahier IV)

CAMPS-FABRER, H. & D'ANNA, A. 1977. Fabrication expérimentale d'outils à partir de métapodes de mouton et de tibias de lapin. *In: Méthodologie appliquée à l'industrie de l'os préhistorique: 2ème colloque international sur l'industrie de l'os dans la Préhistoire, Abbaye de Sénanque, juin 1976*. Paris: CNRS, pp. 311-323.

CAMPS-FABRER, H. 1990. Fiche poinçon sur métapode fendu de petit ruminant. *In: CAMPS-FABRER, H.; RAMSEYER, D. & STORDEUR, D. Poinçons, pointes, poignards, aiguilles*. Aix-en-Provence: Université de Provence, pp. 1-16. (Fiches typologiques de l'industrie osseuse préhistorique – Cahier III).

CARVALHO, O. A. de. 2007. Bioanthropologie des nécropoles de Justino et de São José II, Xingó, Brésil. *Museu de Arqueologia de Xingó (MAX)*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. 230 p.

CARVALHO, F. L. de. 2003. A Pré-história Sergipana. *Museu de Arqueologia de Xingó (MAX)*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. 161 p.

CAVALCANTE, L. C. D., LUZ, M. de F. da, GUIDON, N., FABRIS, J. D. & ARDISSON, J. D. 2011. 2011. Ochres from rituals of prehistoric human funerals at the Toca do Enoque site, Piauí, Brazil. *Hyperfine Interactions*. Volume 203, Numbers 1-3, pp 39-45.

CISNEIROS, D. 2006. Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil: uma apresentação metodológica. *Clio (Série Arqueológica)*, Recife. N. 20. Pp. 171- 207.

DEFRANCE, S. D. 2009. Zooarchaeology in complex societies: political economy status and ideology. *Journal of Archaeological Research*. N. 17 (2). Pp. 105-168.

D'ERRICO, F.; JARDÓN-GINER, P. & SOLER-MAYOR, B. 1993. Critères à base expérimentale pour l'étude des perforations naturelles et intentionnelles sur coquillages. *In: ANDERSON, P. C.; BEYRIES, S.; OTTE, M. & PLISSON, H. (dir.). Traces et fonction, les gestes retrouvés – ERAUL*. N. 50 (1). Liège: Université de Liège. Pp. 243-254.

D'ERRICO, F. & DUBREUIL, L. 2005. A Utilização dos corantes em Pré-história: o exemplo de Santa Elina. In: VILHENA, Á. V. *Pré-história do Mato Grosso*. V. 1 Santa Elina. São Paulo: USP. Pp. 177-187.

GUÉRIN, C. & FAURE, M. 2008. La biodiversité mammalienne au Pléistocène Supérieur-Holocène Ancien dans la Région du Parc National Serra da Capivara (SE du Piauí, Brésil). *FUMDHAMentos*, São Raimundo Nonato. V. VII. Pp. 80-93.

GUÉRIN, C. & FAURE, M. 2009. Les Cervidae (Mammalia, Artiodactyla) du Pléistocène Supérieur-Holocène Ancien de la région du Parc National Serra da Capivara (Piauí, Brésil). *Geobios*, Lyon. N. 42 (2). Pp. 169-195.

GUIDON, N. 1991. *Peintures préhistoriques du Brésil*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, ADPF. 109 p.

GUIDON, N. & LUZ, M. de F. da. 2009. Sepultamentos na Toca do Enoque (Serra das Confusões - Piauí). *FUMDHAMentos*, São Raimundo Nonato. N. VIII, n. s. Pp. 116 – 123.

LIMA, J. M. D. de. 1985. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco*. 144 p. (Dissertação Mestrado em Antropologia). UFPE, Recife.

_____. 1991. Dois períodos de subsistência no Agreste pernambucano: 9000 e 2000 A.P. *Clio* (Série Arqueológica), Recife. N. 4 (extraordinário dedicado aos “Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste brasileiro”). Pp. 57-61.

_____. 1992. Estudos Zoo e Fitoarqueológicos em Pernambuco. *Symposium* (Revista de Humanidades, Ciências e Letras), Recife, vol. 34, n° 2, 146-179, 13 anexo.

LUFT, V. J. 1990. *A Pedra do Tubarão: um sítio da Tradição Agreste em Pernambuco*. 136 p. (Dissertação Mestrado em História). UFPE, Recife.

MARTIN, G. 1994. Os Rituais funerários na Pré-história do Nordeste. *Clio* (Série Arqueológica), Recife. V. 1. N. 10. Pp. 29- 46.

_____. 1995-1996. O Cemitério pré-histórico «Pedra do Alexandre» em Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil). *Clio* (Série Arqueológica), Recife. V. 1. N. 11. Pp. 43-57.

_____. 2008. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 5ª ed. Recife: Ed. Universitária. 434 p.

MARTIN, G. & ASÓN, I. 2000. A Tradição Nordeste na arte rupestre do Brasil. *Anais da X reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. *Clio* (Série Arqueológica), Recife. N. 14. Pp. 99-134.

MURRAY, C. 1979. Les Techniques de débitage de métopodes de petits ruminants à Auvernier-Port. In: CAMPS-FABRER, H. *L'industrie en os et bois de Cervidé durant le Néolithique et l'Age des Métaux*. CNRS édit. Pp. 27-35

QUEIROZ, A. N. de. 2001. *Contribution à l'étude archéozoologique des Vertébrés de cinq sites préhistoriques de trois régions du Brésil*. (Thèse de Doctorat). 271 p. Université de Genève, Faculté des Sciences.

PORRO, A. 2002. História indígena do alto e médio Amazonas – Séculos XVI a XVIII. In: CUNHA, M. C. (Ed.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. Pp. 175-196.

SCHMITZ, P. I. 1987. Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*. V. 1. N. 1. Pp. 53-126.

313

_____. 2004. Como viviam os primeiros brasileiros. *Ciência Hoje*. V. 36. N. 211. Pp. 77-80.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L. & RIBEIRO, M. B. 1989. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central, Serranópolis I. *Pesquisas, Antropologia*, Rio Grande do Sul. N. 44. 208 p.

STORDEUR-YEDID, D. 1976. Les poinçons d'os à poulie articulaire: observations techniques d'après quelques exemples syriens. *Bulletin de la Société Préhistorique française*, Paris. T. 73. N. 2. Pp. 39-42.

TABORIN, Y. 1977. Quelques objets de parure. Etude technologique: les percements des incisives de Bovinés et des canines de renard. *Méthodologie appliquée à l'industrie de l'os préhistorique, 2ème colloque international sur l'industrie de l'os dans la Préhistoire, Abbaye de Sénanque, juin 1976*. Paris: CNRS. Pp. 303-310.

_____. 1993a. La parure en coquillage au Paléolithique. *Gallia-Préhistoire*, supplément n° XXIX. Paris: CNRS, 538 p.

_____. 1993b. Traces de façonnage et d'usage sur les coquillages perforés. In: ANDERSON, P. C.; BEYRIES, S.; OTTE, M & PLISSON, H. (dir.). *Traces et fonction, les gestes retrouvés (vol. 1)* ERAUL, Liège. V. 50. Pp. 256-267.

_____. 2004. *Langage sans parole: la parure aux temps préhistoriques*. Paris: La Maison des Roches, 221 p.

VERCOUTÈRE, C. 2002. Acquisition et traitement de l'animal en tant qu'ensemble de ressources non alimentaires: les canines aménagées de renard de l'abri Pataud (Les Eyzies-de-Tayac, Dordogne, France). In: PATOU-MATHIS, M.; CATTELAÏN, P. & RAMSEYER, D. L'industrie osseuse pré et protohistorique en Europe, approches technologiques et fonctionnelles. *Actes Colloque 1.6, XIVème Congrès UISPP, Liège 09/2001. Bulletin du Cercle archéologique Hesbaye-Condruz*, t. XXVI, 2002. Pp. 29-42.

VERGNE, C. 2005. Cemitérios do Justino. Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. *Museu de Arqueologia de Xingó (MAX)*. Universidade Federal de Sergipe, 212 p.

ANEXO 1

Tabela 1
Inventário do material funerário associado aos esqueletos

ESQUELETOS	Nº MATERIAL ASSOCIADO	MATERIAL FUNERARIO
1 (nº 162 827)	162 799	10 contas vegetais de cerca de 8 mm de diâmetro, ocre.
	162 799	2 fragmentos de concha perfurados, dos quais 1 com dupla perfuração quebrada
2 (nº 161 800)	161 798	25 pingentes em osso de <i>Mazama</i>
	161 798	2 caninos perfurados de <i>Cerdocyon thous</i>
	161 798	1 valva de lamelibrânquios perfurada
	161 783	1 pingente em fragmento de gastrópodes com perfuração simples
	161 798-2	1 pingente em fragmento de gastrópodes com perfuração dupla
3 A (nº 165 917)	165 856	11 pingentes em osso de <i>Mazama</i>
	165 855	Contas vegetais negras de 3 a 4,5 mm de diâmetro
	165 820	1 metacarpo direito adulto de <i>Mazama</i>
	165 821	1 chifre bifido de <i>Mazama</i>
	165 803	1 conjunto de placas de <i>Dasypodidae</i> incrustadas na argila
	165 816, 165 818, 165 819	3 <i>Megalobulimus</i>
	165 812	13 pingentes em osso de <i>Mazama</i>
4 (nº 161 837)	161 827	160 caninos perfurados de <i>C. thous</i>
	161 827	7 caninos e 6 incisivos perfurados de onça-vermelha, 5 caninos e 2 incisivos de jaguatirica
	161 810	1 valva de lamelibrânquios perfurada
	165 910	Pequenas contas vegetais negras e fibras vegetais trançadas
	165 910	Blocos de ocre vermelho
5 (nº 161 844)	161 831	4 meias-mandíbulas de <i>Coendu</i>
	161 831	5 chifres de <i>Mazama</i> (4 adultos e 1 juvenil)
	161 831	90 caninos perfurados de <i>C. thous</i>
6 (nº 166 000)	161 847	9 caninos e 4 incisivos de jaguatirica, todos perfurados
	161 847	Pequenas contas vegetais negras
6 (nº 166 000)	161 847	2 caninos perfurados de <i>C. thous</i>
	161 847	1 incisivo e 5 caninos de jaguatirica perfurados

	161 847	2 caninos de onça-vermelha, 5 caninos de onça-pintada, todos perfurados
	161 847	Pequenas contas vegetais negras
	165 986	40 caninos de <i>C. thous</i> , 1 canino de onça-vermelha, todos perfurados
	165 986	Pequenas contas vegetais negras
	166 196	6 pingentes tubulares em rádio de grandes aves Blocos de ocre 6 metacarpos e 1 metatarso de <i>Mazama</i>
	165 979	1 sínfise mandibular de pecari 5 <i>Megalobulimus</i> pintados com ocre
7 (n° 165 989)	165 947	1 metatarso esquerdo adulto de <i>Mazama</i>
	165 941 a 165 943	3 <i>Megalobulimus</i>
	165 945 e 165 946	Pequenas contas vegetais negras
8 (n° 161 846)		Fibras vegetais trançadas
9 (n° 166 191)	166 185	42 pingentes em osso de <i>Mazama</i>
	166 185	80 caninos perfurados de <i>C. thous</i>
	166 185	9 caninos de jaguatirica, 1 canino de onça-vermelha, todos perfurados
	166 185	1 pingente em placa de grande tartaruga
	166 185	Pequenas contas vegetais negras
	166 187	Incrustações de placas de <i>Dasypodidae</i> em argila
10 (n° 161 886)	161 887	50 caninos perfurados de <i>C. thous</i>
	161 887	Pequenas contas vegetais negras
	165 997	50 caninos e 2 incisivos de <i>C. thous</i> , todos perfurados
	165 997	Fibras vegetais
	165 999 e 166 199	2 meias-mandíbulas de coendu
	161 880	1 metacarpo, 1 metatarso e 3 chifres de <i>Mazama</i> Blocos de ocre
11 (n° 165 990)	165 968	33 caninos de <i>C. thous</i> e 10 caninos de jaguatirica, todos perfurados
	165 904 e 165 905	3 metacarpos adultos de <i>Mazama</i> Blocos de ocre
	165 927, 165 928, 165 930	3 <i>Megalobulimus</i>
12 A (n° 166 134)	166 132	75 caninos perfurados de <i>C. thous</i> , 1 canino perfurado de onça-vermelha

	166 113	1 pingente em valva de lamelibrânquios biperfurada
	166 110 e 166 126	2 sínfises mandibulares de pecari
	166 114	1 metacarpo direito adulto de <i>Mazama</i>
	166 116, 166 117, 166 123	3 <i>Megalobulimus</i>
13 A (n° 166 135)	166 156	44 pingentes em ossos de <i>Mazama</i>
	166 154	2 caninos de onça-vermelha, 5 caninos de jaguatirica, todos perfurados
	165 929, 166 147, 166 148	3 <i>Megalobulimus</i>
14 (n° 160 597)	169 666	1 pingente em fragmento concha perfurada
	169 678	Pequenas contas vegetais negras